



## **SINCRETISMO RELIGIOSO: UMA PESQUISA SOBRE AS ORIGENS DAS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS E CULTURAIS QUE DERAM ORIGEM AO CRISTIANISMO NO BRASIL**

**RELIGIOUS SYNCRETISM: A RESEARCH ON THE ORIGINS OF RELIGIOUS AND  
CULTURAL INFLUENCES THAT ORIGIN CHRISTIANITY IN BRAZIL**

**Jonatas Steigleder Cabral<sup>1</sup>  
Arthur Wesley Dück<sup>2</sup>  
Ernst Werner Janzen<sup>3</sup>  
Cristiano Nickel Junior<sup>4</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo apresentará uma pesquisa bibliográfica a respeito do sincretismo religioso presente em meio ao cristianismo no Brasil. O objetivo principal é identificar as origens dessa miscigenação cultural e religiosa que acaba dando o seu próprio tempero ao que está escrito no livro sagrado utilizado pelos cristãos, a Bíblia. Será apresentado através deste artigo um panorama acerca da colonização brasileira e as heranças culturais provindas dessa colonização que formaram a base do cristianismo no Brasil. Além das influências causadas e impostas pelos colonizadores europeus mediterrâneos portugueses há pouco mais de cinco séculos, serão enfatizadas também as influências dos africanos que foram trazidos ao Brasil colonial da época na condição de escravos, e que trouxeram junto consigo além de sua cultura, as suas crenças religiosas, seus costumes e ritos. E também acerca das influências das religiões e culturas indígenas. Com isso, não surgiram apenas as chamadas religiões afro-brasileiras, mas surgiram também mesclas e misturas de distintas crenças e religiões e que são responsáveis por esse sincretismo religioso que será abordado neste artigo.

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. jonatas.s.cabral@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST. Docente do curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Fidelis. arthur.duck@fidelis.edu.br

<sup>3</sup> Mestre em Teologia pela Faculdade EST. Docente da Faculdade Fidelis. E-mail: ernst.janzen@fidelis.edu.br

<sup>4</sup> Licenciado em Música pela UNESPAR. Especialista em Teologia Aplicada pela Faculdade Fidelis. Docente do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Fidelis. cristiano.nickel@fidelis.edu.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Sincretismo religioso. Herança cultural. Cristianismo. Catolicismo. Religiões Afro-brasileiras.

## **ABSTRACT**

This article will present a bibliographical research about the religious syncretism present in the midst of Christianity in Brazil. The main objective is to identify the origins of this cultural and religious miscegenation that ends up giving its own spice to what is written in the holy book used by Christians, the Bible. This article will present an overview of Brazilian colonization and the cultural heritage arising from this colonization that formed the basis of Christianity in Brazil. In addition to the influences caused and imposed by Portuguese Mediterranean European colonizers just over five centuries ago, the influences of Africans who were brought to colonial Brazil at the time as slaves will also be emphasized, and who brought along with them, in addition to their culture, their religious beliefs, their customs and rites. And also about the influences of indigenous religions and cultures. As a result, not only the so-called Afro-Brazilian religions emerged, but mixtures of different beliefs and religions also emerged, which are responsible for the religious syncretism that will be discussed in this article.

**KEYWORDS:** Religious syncretism. Cultural heritage. Christianity. Catholicism. Afro-Brazilian Religions.

## **INTRODUÇÃO**

O sincretismo religioso presente em meio ao cristianismo no Brasil nos dias de hoje fez acender um alerta acerca de práticas litúrgicas que se mostram um pouco estranhas quando comparadas à essência bíblica do que é o cristianismo. Tais práticas deixam evidentes sinais de influências culturais africanas, indígenas e até do misticismo medieval europeu em meio ao que é pregado dentro dessas igrejas. Por exemplo: nomes de entidades sagradas africanas do Candomblé são associados a santos reverenciados pela Igreja Católica. É comum também práticas supersticiosas animistas praticadas tanto por evangélicos quanto por católicos, como a extrema necessidade de amuletos, ou objetos sagrados, a consulta espiritual com curandeiras ou benzedeiros, ou até mesmo a tradicional fita vermelha para “espantar o mau-olhado” ou “o olho gordo”.

Algumas igrejas evangélicas nomeiam os demônios em meio a seus rituais exorcistas com típicos nomes de entidades espirituais de religiões de matriz africana como por exemplo: Exu Caveira, Tranca Rua, Pomba Gira, etc. Nome esses não são encontrados em nenhum lugar da Bíblia. E se não são encontrados na Bíblia, como foram parar dentro dessas igrejas? Em qual momento da história da igreja cristã no Brasil essas crenças se fundiram? Quais as implicações que esse sincretismo religioso pode provocar entre os cristãos? Essas são algumas de muitas

perguntas que este artigo buscará esclarecer. Esses questionamentos foram os responsáveis por despertar a necessidade de se pesquisar sobre o assunto.

Utilizando o método de pesquisa bibliográfica e com o intuito de despertar nas pessoas de maneira geral mas principalmente no meio acadêmico voltado para a área da teologia, a ideia de que o cristianismo pode ser capaz de mudar o mundo, e não o mundo mudar a essência do cristianismo, serão abordados neste artigo os seguintes tópicos:

- a) A herança cultural e religiosa deixada pelos colonizadores europeus e pelo traumático processo de colonização.
- b) O efeito colateral de uma catequização por imposição.
- c) As crenças e religiões indígenas e africanas e como se fundiram com o cristianismo ao longo dos anos no Brasil.
- d) Sugerir elementos que possam ajudar o Cristianismo a não perder a sua identidade.

Um outro ponto importante a ser destacado é de que as palavras contidas na Bíblia, livro considerado sagrado pelos cristãos, são capazes, sim, de transformar a vida das pessoas, porém uma das problemáticas que este artigo aponta é de que por conta do sincretismo religioso as pessoas têm a tendência de adaptar as palavras contidas nas Escrituras Sagradas do modo que lhes convém, ou seja, ao invés das pessoas terem suas vidas transformadas pelo evangelho, acabam transformando o evangelho de acordo com a maneira em que vivem, algo que, aliás, não é peculiar do povo brasileiro.

Considerando a religião uma importante forma de manifestação cultural das pessoas, e respeitando toda e qualquer manifestação cultural religiosa, seja ela qual for, mas obviamente enfatizando o cristianismo que é a religião predominante do povo brasileiro, embora trata-se de um país de grande diversidade religiosa e cultural este artigo abordará o assunto buscando apontar evidências, consequências e possíveis soluções para que o cristianismo não perca sua essência em meio a tamanho caldeirão religioso e cultural.

## **1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Como explicar a visível influência da cultura africana no cristianismo no Brasil nos dias atuais? Para isso será preciso fazer uma viagem até meados do ano de 1500, fazendo um minucioso inventário das heranças culturais que o processo de colonização provocou nas pessoas cujos reflexos permanecem até hoje. Esse trabalho apresentará um breve panorama a respeito da colonização do Brasil feita pelos europeus mediterrâneos portugueses e o choque cultural que os colonizadores causaram nos povos nativos indígenas brasileiros que já

habitavam essas terras antes deles. Também explanará acerca do tráfico de africanos escravizados e enviados para o Brasil durante o século XVI, e o impacto que essa miscigenação provocou nos envolvidos, além dos efeitos culturais e sociais resultantes desse choque cultural.

### 1.1 A COLONIZAÇÃO

Certo dia, surgiram na praia grandes barcos tripulados pelo o que pareciam ser pessoas, mas cuja aparência era bem diferente do que até então os indígenas conheciam. Se por um lado os nativos, donos da terra, olhavam assustados e confusos para os estranhos invasores, por outro, os colonizadores olhavam perplexos para a extraordinária beleza não só da terra, mas também das pessoas, principalmente das mulheres. “Ao chegarem às costas brasileiras, os navegadores pensaram que haviam atingido o paraíso terreal: uma região de eterna primavera, onde se vivia comumente por mais de cem anos em perpétua inocência” (CUNHA 1992, p. 6).

Os portugueses se intitularam “descobridores”, e tomaram posse da terra. Subjugaram os povos indígenas por meio da força, barganhas e estelionato cultural, e com isso, iniciou-se um processo de implantação e imposição de costumes que iam totalmente na contramão da maneira simples vivenciada pelo povo local até aquele momento.<sup>3</sup> Sobre esse processo de colonização Freyre (2003, p. 267) acrescenta:

Mas onde o processo de colonização europeia afirmou-se essencialmente aristocrático foi no norte do Brasil. Aristocrático, patriarcal, escravocrata. O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. E como em quase todas as colonizações que ocorreram ao redor do mundo, o choque cultural foi inevitável. Esses novos costumes também envolviam as práticas religiosas.

E ainda no que se refere aos impactos provenientes do processo de colonização, é importante destacar uma famosa frase de Jomo Kenyatta, fundador da República do Quênia, que disse certa vez, ao referir-se à partilha da África, no quadro do imperialismo europeu. “Eles chegaram, tinham a Bíblia e nós tínhamos a terra. E eles nos disseram: ‘Fechem os olhos e rezem’. E quando abrimos os olhos, eles tinham a terra e nós tínhamos a Bíblia” (WALKER 2004, p. 144). Quadro que relata a maneira inescrupulosa em que o nome de Deus foi usado pelas pessoas ao longo da história para alcançarem seus objetivos a qualquer custo.

---

<sup>3</sup>É preciso lembrar que essa prática não se restringia aos portugueses. Os europeus de modo geral foram os “descobridores” do novo mundo entendiam que essa era a maneira correta de tomar posse do mundo em nome de Deus e da coroa que os enviara.

Como em todas as culturas, a cultura indígena brasileira na época da colonização, também era composta por pontos positivos e pontos negativos. Neste sentido, Lidório (2005, p.33) entende que:

Como toda cultura, as diversas culturas indígenas têm seu lado positivo e seu lado negativo – práticas que, muitas vezes, não são nada agradáveis. Por exemplo, em certos ritos da tribo Xavante, os homens abusam das mulheres; no povo Kaidiwéu, ao nascerem gêmeos, esses são mortos asfixiados; em outros povos indígenas é o homem que é levado à dieta do parto quando a mulher ganha a criança.

Embora Lidório esteja correto ao afirmar que todas as culturas têm aspectos positivos e outros menos louváveis, esta não era a visão da época. A cultura correta era a europeia e as outras culturas precisariam ser cristianizadas no modelo vigente da Europa.

O principal objetivo do cristianismo pregado através do evangelho de Jesus Cristo, é unificar a todas as mais distintas e variadas culturas através do amor, onde não existe distinção entre as pessoas, pois todos são iguais aos olhos do Criador. E não impor sua “verdade absoluta” por meio da força aos menos favorecidos. E se por um lado, os indígenas tinham suas crenças e costumes, e ritos, por outro, os colonizadores eram aparentemente cristãos católicos, e firmavam sua fé através das Escrituras Sagradas, porém, a maneira com a qual esse “cristianismo” foi apresentado aos locais, não condizia com os ensinamentos descritos na Bíblia.

Em meados do ano de 1550, acontece o que pode ter sido uma das maiores atrocidades da história da humanidade contra seus semelhantes. O tráfico de pessoas da África para o Brasil na condição de escravos, transportados por meio de navios em condições contrárias à vida, de forma desumana e cruel. “Transportar da África para a América, em navios imundos, que de longe se adivinhavam pela inhaca, a população inteira de negros” (FREYRE 2003, p. 265). Também em nome de Deus, essas pessoas eram condenadas a uma “vida” de servidão, exploração e violência, porque tinham a cor da pele diferente da cor da pele daqueles que os subjugavam. Uma dívida que não tem como ser paga.

O autor Roger Bastide, usa a expressão “dupla herança”, quando se refere ao legado deixado tanto pelos portugueses quanto pelos africanos na cultura religiosa brasileira, e afirma que não houve apenas uma influência portuguesa e africana sobre os indígenas como também houve uma influência da cultura e crenças indígenas sobre as demais culturas, ou seja, formou-se o que pode se chamar de um grande caldeirão cultural. “Os primeiros brancos chegados ao Novo Mundo, longe de impor ou propagar sua própria civilização, deixaram-se influenciar pela dos índios” (BASTIDE 1960, p. 47).

Estima-se que cerca de quatro milhões de africanos tenham vindo ao Brasil nessas condições desumanas (HISTÓRIAS DO MUNDO, 2023), e com eles vieram também suas crenças e costumes. Costumes esses, que eram totalmente diferentes daqueles que já existiam por aqui na época. Suas práticas religiosas eram compostas por danças, batuques, oferendas e entidades. Porém, o cristianismo católico foi imposto tanto aos indígenas quanto aos africanos, pelos opressores e perversos colonizadores europeus, que atribuíam a escravidão a um castigo divino, como sendo a única e absoluta religião, ou prática religiosa aceita por Deus. “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse a nossa santa fé católica” (HOORNAERT 1991, p. 32). Esses colonizadores se autointitulavam enviados de Deus para salvar a população nativa.

## 1.2 UMA CATEQUIZAÇÃO POR IMPOSIÇÃO

A “catequização” por imposição, foi em parte responsável pelo sincretismo religioso existente no Brasil, que mesclou a Bíblia com os costumes locais, e seus efeitos são visíveis até os dias de hoje. As crenças indígenas voltadas à natureza, seus rituais, as curas, mediante ao uso de ervas, os curandeiros e líderes religiosos conhecidos como xamãs, fundiram-se com as entidades espirituais das religiões africanas como o candomblé. Essas misturas deram origem as chamadas religiões afro-brasileiras como a umbanda e quimbanda por exemplo. Alguns indícios dessas práticas são notados também em algumas denominações cristãs. Sobre a chamada “catequização por imposição”, Ferreira (1992, p. 147) acrescenta que:

O fato de uma tribo recusar o catolicismo era motivo mais do que suficiente para destruí-la a ferro e fogo. O papa Leão X chegou mesmo a conceder subsídios a Portugal para cobrir as despesas com as guerras santas aos infiéis da floresta.

Os africanos ouviram os portugueses falarem sobre o amor de Deus ao som de chicotes, e desenvolveram uma maneira de manter viva suas práticas e suas crenças disfarçadas em meio ao catolicismo. Ainda sobre as origens do candomblé no Brasil, Barros (2009, p. 33) afirma que:

A partir do século XVI até o século XIX, africanos de diversos grupos étnicos e culturais, muitas vezes rivais, foram capturados e trazidos para o Brasil como escravos. Como os bantos, que vieram de regiões atualmente conhecidas, como Angola, Congo, Guiné, Moçambique, Zaire etc. (Os primeiros deste grupo a chegar, por volta de 1559 a 560, foram trazidos do Congo.) E trouxeram com eles milênios de diferentes culturas e de religiosidades que aqui se reorganizaram, criando o candomblé.

Definitivamente, essa gigantesca diversidade cultural e sincretismo religioso, que formou a base da colonização do Brasil, explica alguns costumes presentes hoje na sociedade e também em algumas liturgias presentes nas Igrejas. Sobre algumas dessas práticas Oliveira (2004, p. 68) aponta que:

O primeiro que salta aos olhos, é a utilização do corpo como instrumento de culto. Nas Igrejas pentecostais, o corpo é usado livremente no momento da adoração, indo de palmas e danças até expressões incomuns, como rastejar no chão, abrir os braços numa posição de voo, correr sem sair do lugar, etc.

Tais práticas podem ser somente cores culturais que o evangelho toma baseado na cultura local, mas em determinado momento também pode criar um obstáculo para a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo em sua mais pura essência, porque em alguns casos, distorcem os ensinamentos descritos na Bíblia, e abrem precedentes para interpretações equivocadas da palavra de Deus. Por vezes as Escrituras Sagradas são adaptadas a uma determinada cultura ao invés da cultura se adaptar ao que diz nas Escrituras Sagradas.

O catolicismo foi imposto aos locais como religião obrigatória e oficial. Isso não deve ser interpretado pelos valores do século XXI. Em toda a Idade Média o catolicismo em sua versão romana era a única religião que poderia existir. Era um gesto de bondade levar as pessoas, independentemente de como isso era feito a se tornarem cristãs católicas. “O catolicismo brasileiro assumiu nos primeiros séculos de sua formação histórica um caráter obrigatório. Era praticamente impossível viver integrado no Brasil sem seguir ou pelo menos respeitar a religião católica” (HOORNAERT 1991, p.13). Sendo assim, o catolicismo passa a ser aceito, mas sem que as religiões e crenças anteriores sejam esquecidas. O que dá início ao sincretismo religioso no Brasil.

## **2 PRINCIPAIS INFLUÊNCIAS CULTURAIS E RELIGIOSAS QUE DERAM ORIGEM AO SINCRETISMO BRASILEIRO**

Com relação ao sincretismo religioso, existe, num primeiro momento, a necessidade de se compreender cada religião envolvida em sua essência, para aí então buscar entender a influência que distintas crenças e religiões exercem umas sobre as outras. Além de uma melhor compreensão acerca das religiões é necessário também analisar o contexto histórico e cultural onde cada uma delas tem suas raízes. “Cultura é um sistema integrado de crenças, valores e

costumes, que mantém uma sociedade unida e dá a ela um senso de identidade, dignidade, segurança e continuidade (DANNETT 1998, p. 49).

## 2.1 OS INDÍGENAS E SUAS CRENÇAS

Para que se possa entender um pouco sobre as crenças e ritos sagrados dos povos que habitavam essas terras antes da chegada daqueles que se intitularam “descobridores”, é preciso mergulhar nas raízes dos costumes e da cultura de um povo que “ainda vive hoje sob o perigo de extinção” (LIDÓRIO 2005, p. 8), e que não tiveram apenas suas terras invadidas e saqueadas, mas também foram saqueadas parte de sua cultura, de suas crenças, e de seus costumes. Neste sentido Lidório (2005, p.8) afirma que:

Calcula-se que havia 1,5 milhão<sup>2</sup> de indígenas no Brasil do século 16, os quais, irreparavelmente, somam hoje não mais de 350 mil. Infelizmente essa realidade etnológica vai muito além das estatísticas e das palavras, pois é composta por faces, vidas, histórias e culturas milenares, as quais têm sofrido ao longo dos séculos a devassa dos conquistadores, a forte imposição socioeconômica e perdas sociais tremendas.

Por outro lado, contrariando a afirmação de Ronaldo Lidório acerca da população indígena existente no Brasil nos dias de hoje, os dados do IBGE, (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apontam que existem no Brasil hoje cerca de 896,9 mil indígenas distribuídos em 305 etnias diferentes, que falam 274 idiomas, de acordo com o último censo realizado no ano de 2022 (Cultura Indígena, 2022).

O povo Indígena nativo do Brasil colonial, era caracterizado por uma enorme diversidade cultural de valores, crenças, costumes e conhecimentos, distribuídos entre suas etnias. A população indígena era composta por vários povos seminômades, que habitavam as regiões costeiras e as margens dos grandes rios, falavam diversos idiomas originários da mesma raiz linguística, viviam da caça e da coleta de frutos, além do cultivo do milho e da mandioca.

Religiosamente falando, trata-se de um povo de crença animista, ou seja, acreditam na existência do sobrenatural, como espíritos ligados a natureza, objetos sagrados além de encantos e ritos. Suas crenças não eram compostas apenas por uma única religião ou doutrina religiosa, cada povo indígena brasileiro tinha o seu próprio sistema de crenças, com seus rituais, seus deuses e suas lendas.

A maioria das crenças religiosas indígenas brasileiras da época, tinham como seu principal líder religioso e espiritual, o xamã, pajé (*pai'é*), em tupi-guarani. Dentre as funções que a ele eram atribuídas, estava a comunicação com os antepassados e entidades sobrenaturais

fazendo uma espécie de intermediação entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos. Segundo Käser (2004, p. 217):

Um dos elementos mais decisivos das visões animistas do mundo é a convicção de que existem seres espirituais que influenciam definitivamente os acontecimentos do mundo. Esses espíritos são considerados bons ou maus, sempre conforme sua suposta atitude frente aos seres humanos.

Através dessa “comunicação” com os espíritos que acontecia por meio de uma espécie de transe provocado na maioria das vezes pelo consumo de alucinógenos, o xamã também intermediava a cura sobre os enfermos. Através desse trânsito entre o mundo dos vivos e a dimensão sobrenatural, o xamã conseguia controlar os espíritos causadores das enfermidades, desse modo, e em muitas ocasiões, evitando a morte dos enfermos e adoentados, fazendo da cura sua principal função em todo esse processo religioso e ritualístico indígena. Neste sentido, Käser (2004, p. 220) completa que:

Seus mediadores entre o além e o aquém, são, em geral, não os médiuns, mas os xamãs. Sua maneira de manter contato com os espíritos é o êxtase. Eles enviam, segundo o que imaginam, sua alma (ou uma de suas almas) a uma viagem ao além, onde ela se encontra com os chamados espíritos auxiliares, sendo por estes equipadas com a sabedoria da qual o xamã necessita para poder cumprir suas funções de curandeiro.

As religiões dos povos indígenas do Brasil eram caracterizadas pelo politeísmo animista, cultivam muitas entidades e não existiam relatos de adoração a uma única divindade. Porém, reconhecem a existência de um ser maior, criador de todas as coisas (LIDÓRIO 2005, p. 33). Também não há dogmas ou um conjunto de doutrinas registradas em livros sagrados, como a Bíblia, portanto, seus ensinamentos religiosos eram compartilhados e transmitido entre eles oralmente. Um traço importante da religiosidade dos povos indígenas é a crença em seres sobrenaturais ou espíritos. Essas divindades variam bastante entre as etnias.

A existência e utilização de objetos sagrados era comum em suas práticas religiosas ritualísticas onde normalmente haviam cânticos, danças e a utilização de instrumentos musicais durante os rituais xamânicos. Dentre algumas de suas entidades consideradas sagradas estão os mortos (antepassados), os xamãs (detentores do conhecimento), os Mitos (fundador ou etiológicos), a floresta, os animais, a natureza, os astros, etc.

A principal função do xamanismo, ou religião indígena, não é muito diferente do que a religião significa para outras culturas, ou seja, a busca por uma resposta a respeito do sentido da vida, principalmente quando as catástrofes, os problemas ameaçam as crenças relacionadas

a uma vida boa. A crença em seres espirituais e a busca por cura para as enfermidades também são responsáveis em dar sentido a essas crenças. Neste sentido, Dreher (1999, p. 22) acrescenta que:

Na religião buscou-se incorporar seres superiores, “espíritos”, para que auxiliassem diante de situações específicas e vitais de uma cultura de caçadores. Por que o ser humano escolhe a religião para tratar de problemas vitais? Porque a religião lhe dá uma estrutura mais profunda para lutar com questões de vida e de morte: saúde e doença, solidão, dor, marginalidade, injustiça.

É a religião que dá sentido a tudo, é por meio dela que os indígenas combatem seus medos e se conectam com seus antepassados.

## 2.2 O CATOLICISMO MEDIEVAL EUROPEU IMPORTADO DE PORTUGAL

O cristianismo católico originou-se em Roma, através de influências culturais místicas, que provocaram interpretações alegóricas e estranhas das Escrituras Sagradas em meados do século II. Na verdade, a alegoria surgiu na tentativa de fazer sentido entre o Antigo e o Novo Testamentos. Por exemplo, um Deus de guerra se transforma em um Deus de amor. O misticismo surgiu em virtude da adaptação do evangelho às religiões vigentes da época. Uma mudança de cosmovisão leva tempo e nesse processo, elementos das religiões nativas das pessoas acabam encontrando o seu espaço na nova religião. Sobre as mudanças que o cristianismo sofreu durante a Idade Média, Käser (2004, p. 25) aponta que:

Com a adoção do cristianismo como religião estatal do Império Romano começa um desenvolvimento que leva a convicção de que ser cristão e ser humano são fatos equivalentes. O contraste antigo entre gregos e bárbaros agora passa a ser entre cristãos e gentios. Na Idade Média, por uma questão de princípios, os últimos são considerados pertencentes ao reino de Satanás.

Essa crença religiosa e monoteísta, ou seja, que acredita na existência de um único Deus, o Criador dos céus e da terra, tem na Bíblia o seu livro sagrado, e é organizada liturgicamente através de uma ordem hierárquica onde a pessoa do Papa é o seu maior líder e representante religioso. No que se refere a utilização da Bíblia como manual do cristão e o início de distorções acerca da maneira como ela era interpretada na época, Käser (2004, p. 25) acrescenta:

A teologia cristã como doutrina da igreja forma a base da imagem mundial em evolução na Idade Média. Conforme ela, tudo o que interessa em termos de conhecimento geral encontra-se na Bíblia. As respostas para as perguntas que ainda ficam em aberto são buscadas de maneira especulativa, quer dizer, não se vê a mínima necessidade de testar a veracidade de hipóteses teóricas na realidade.

Já, o catolicismo trazido ao Brasil pelos portugueses no século XVI durante a colonização foi um resquício de um cruel e desumano, e porque não, confuso catolicismo ressurgente da inquisição ou Santo Ofício, no qual a Igreja matava pessoas em nome de Deus. Todos aqueles que de certo modo, discordavam do que a Igreja Católica pregava ou impunha, eram considerados hereges pela Igreja e submetidos a terríveis e desumanas práticas de tortura que culminavam com a morte. “Os inquisidores tentam obter a confissão dos acusados: do ponto de vista judiciário, a confissão é considerada então uma prova perfeita; do ponto de vista espiritual, se for sincera, abre caminho para a penitência” (CORBIN 2009, p. 195). Outra vez, é preciso ler isso com a mentalidade da época. Era considerado um gesto de amor libertar as pessoas da escravidão das religiões antigas e “por bem ou por mal” levá-las a cultuar o Deus verdadeiro. Os europeus não interpretavam essas ações como são avaliadas em nosso século.

A Igreja católica também estava sendo influenciada pelas chamadas “reformas religiosas”, com o monge católico agostiniano Martinho Lutero na Alemanha, com o teólogo e líder religioso João Calvino na França e Suíça, e através de Henrique VIII na Inglaterra. Ainda sobre a reforma a Enciclopédia Barsa (2005, p. 22) acrescenta que:

As mudanças de caráter social, econômico e cultural que ocorreram a partir do século XIV, marcando o fim da Idade Média e o nascimento do mundo moderno ocidental, provocaram uma crise muito forte na instituição eclesiástica e na vivência da fé católica. Diversos grupos passaram a solicitar reformas urgentes e a protestar contra a lentidão e a dificuldade da igreja em adaptar-se aos novos tempos. Dessas divergências resultou a cisão no seio da Igreja Católica e o surgimento das denominações protestantes.

Após os ataques a instituição católica por meio da reforma protestante veio o contragolpe da Igreja através da “contrarreforma”, que resultou mais tarde no Concílio de Trento, que teve como objetivo reestabelecer a ordem e a hierarquia eclesiástica da Igreja. Além disso, corrigiu alguns dos exageros evidentes em suas práticas.

A Igreja católica<sup>4</sup> durante muitos anos foi a única detentora do conhecimento espiritual e das “verdades” divinas. Guardavam seus acervos bibliográficos a sete chaves, e por conta disso, muitas escrituras preciosíssimas desapareceram ao longo dos anos. “Assim, a Igreja foi responsável pela formação literária, pelo direito, pela tradição política e pela técnica. Com todas essas funções é lógico que o clero tinha que ser o detentor do saber, indo muito além de suas prerrogativas teológicas” (DREHER 1996, p. 15).

---

<sup>4</sup> Talvez fosse mais adequado denominar a igreja católica da época dos descobrimentos como igreja romana, já que acabamos achando que a igreja daquela época era a mesma dos dias atuais. Todas as igrejas passam por mudanças e seria irresponsável não levar em conta as mudanças que ocorreram na igreja católica a partir do Vaticano II.

A maneira com a qual a Igreja Católica praticava e impunha seus ensinamentos e doutrinas religiosas no final da Idade Média, manchou a imagem do cristianismo e acabou provocando uma certa aversão a Igreja Católica. Para alguns, a Igreja Católica da época poderia ser definida como a “Casta Meretriz”, ou “Santa Meretriz”, justamente por conta de uma incoerência provocada por uma existência que não condizia com o que ensinava, ou seja, santa e ao mesmo tempo pecadora (PADRE PAULO RICARDO, 2013). A Igreja pregava a vida promovendo a morte.

Uma religião que teve seu início entre os desprezados, humildes e perseguidos, tornou-se na religião detentora do poder e da dominação. No Brasil, foi usada como força domesticadora. Essa doutrina ensinou sobre o amor de Deus ao som de chicotes.

Esse cristianismo católico que hoje poderia ser caracterizado de místico, desestabilizado, sangrento e contraditório quando comparado aos ensinamentos de Cristo, foi trazido ao Brasil pelos portugueses e declarado por eles como a única religião aceita por Deus, uma prática religiosa que atribuía os açoites e o trabalho forçado a um castigo divino proveniente do pecado sem nenhum fundamento bíblico. Sobre a desestabilidade e o enfraquecimento da Igreja Católica, Latourette (2006, p. 818) acrescenta que:

Assim como na última parte do século 14, no século 15, a Igreja Católica Romana se enfraqueceu pelo Grande Cisma entre papas rivais, e nesse grupo muito menor, as dissensões internas entre os postulantes à liderança da igreja trouxeram um triste desânimo.

Ainda na Europa, surgiram as “Guerras Religiosas” provocadas pela Igreja Católica e sua incessante perseguição aos protestantes e a todos aqueles que ousavam pensar de uma maneira diferente ou simplesmente ousavam pensar.<sup>5</sup> O massacre de São Bartolomeu em Paris na França seria um exemplo, onde estima-se que tenham morrido entre 5.000 e 30.000 pessoas (ARMSTRONG 2003, p. 70,71). Criou-se então o conceito de que “a religião do Rei é a religião do povo”.

É preciso entender que a igreja católica estava chegando ao fim de uma era de mil anos, sobrevivendo entre erros e acertos, sofrendo forte influência do Estado e com pouco acesso à Bíblia para lhe orientar (houve épocas em que a tradição tinha mais autoridade do que a Bíblia), passando por crises e incertezas, mas contudo lutando para manter viva a chama do cristianismo.

---

<sup>5</sup>Mas é preciso lembrar que os anabatistas, os reformadores radicais, também foram perseguidos tanto por católicos quanto pelos outros reformadores. Isso mostra que não era só a igreja católica que perseguia quem discordava deles.

### 2.3 AS RELIGIÕES E CRENÇAS AFRICANAS

O enorme continente Africano possui uma também enorme variedade etnológica, que por sua vez, são constituídas de incontáveis vertentes religiosas. Dentre elas o Candomblé Jeje e o Candomblé Queto, que são duas das principais raízes de crenças religiosas de matriz Africana que geraram forte influência na cultura religiosa brasileira a partir do século XVI.

A origem do Candomblé tem relação com um processo sincrético de quatro nações africanas: o Kêtu, Fan, Jejê e Angola provindas do Sudão, Nigéria e Daomé. O termo “candomblé” está associado à dança, ao instrumento e à música destas quatro nações. Em Pernambuco e Alagoas também é conhecido por Xangô. No Maranhão e Pará, como Tambor de Mina. No Rio Grande do Sul, por batuque. No Candomblé existe uma pluralidade de divindades (orixás) com diferentes poderes e funções. Os orixás são elementos da natureza divinizados, percebidos sensorialmente e manifestados através de figuras humanas adaptadas mais tarde aos santos da Igreja Católica.

Conforme as tradições religiosas do candomblé, o mundo foi criado por Olorum, que, após a criação recolhe-se e deixa que seus auxiliares, os orixás, tratem das questões relacionadas aos seres humanos. Oxalá é o chefe de todos os orixás, é quem recebe todos os pedidos e as homenagens dos seres humanos. A função dos orixás é governar o mundo, intervir em favor dos seres humanos e puni-los quando necessário. Aurino (2013, p. 31) acrescenta que:

As práticas religiosas do candomblé e da umbanda ocorrem no espaço sagrado do terreiro, mas algumas oferendas e rituais precisam ser feitos fora dessa área, dependendo do destino da oferenda. Esses espaços são as matas, cachoeiras e lagoas, dentre outros, na maior parte dos casos, distantes do local em que está instalado o terreiro.

Os rituais em terreiros são espécies de festas em oferta, com comida farta, música e dança, o que na crença dessa religião atrai os espíritos ancestrais e os orixás. As pessoas presentes nesses rituais, quando iniciadas na religião, entram em uma espécie de transe e dançam de acordo com os seus orixás de cabeça (o orixá que guia a vida de cada pessoa). O sacerdócio nos terreiros de candomblé é exercido pelo Babalorixá (caso seja um homem) ou pela Yalorixá (caso seja uma mulher). “Babalorixá e iyalorixá (babalòrìṣáeyálòrìṣá, em iorubá) são as figuras centrais de uma casa de candomblé e seus nomes já os identificam como o/a “pai/mãe que cuida do orixá”, sendo os chefes de um Axé” (BARROS 2009, p. 57).

O mundo foi criado por Olorum que deixa aos orixás a incumbência de tratar das questões humanas (governar, intervir e punir). Oxalá, o chefe dos orixás, recebe os pedidos dos seres humanos. “Olorum (Olorun) é a divindade suprema do povo iorubá que tem em si o simbolismo do início dos tempos. É reconhecido na religião como o criador do Universo e como aquele que deu origem a si próprio!” (BARROS 2009, p. 482). Antes de nascer, cada pessoa recebe um orixá que comanda toda a existência da pessoa. “Cada ser vivo, cada elemento da natureza e também cada orixá tem um Exu particularizado, porque sem sua presença e sem seu dinamismo e impulsionamento seria impossível a existência” (BARROS 2009, p. 382). Exu é um intermediário entre o orixá e o ser humano que, se agradado, pode agilizar o pedido feito. “Exu é único, mas possui a duplicidade em suas ações, agindo para o bem ou para o mal, de acordo com sua conveniência. É através deste caráter contraditório que surge sua grande semelhança com o ser humano (BARROS 2009, p.382).

A mitologia africana aponta, além dos orixás, a existência de um deus soberano, chamado de Olódùmarè. Quanto aos orixás cultuados, a quantidade varia de acordo com o tipo de candomblé. Em geral, há em torno de dezesseis ou vinte orixás, cada um com sua qualidade e especificidade. Os candomblecistas acreditam na imortalidade da alma e na reencarnação. Steffen (2009, p. 224) acrescenta que:

Para o Candomblé, o pecado não existe. A distinção entre o bem e o mal depende basicamente da relação entre cada seguidor e seu orixá. É nessa relação que irá ser estabelecido o que se pode e o que não se pode fazer, mas sempre de forma individualizada. [...] O que é proibido para um não é necessariamente proibido para outro.

Trata-se de uma matriz religiosa complexa, animista, ou seja, não é possível caracterizá-la apenas como “religião” propriamente dita, “mas sim um sistema religioso ou, mais precisamente, uma cosmovisão na qual tudo é religioso” (SILVA 2014, p. 151).

Talvez, as religiões estejam mais associadas a uma cosmovisão, do que necessariamente a uma simples crença ou busca pelo transcendente. Essa visão exclusiva e diferenciada que cada cultura tem do mundo explica o fato de uma mesma religião apresentar diferentes práticas litúrgicas em diferentes ambientes. “Designar o animismo simplesmente como religião de culturas tradicionais é uma simplificação inadmissível. Já o rótulo “religião” é problemático. É melhor considerá-lo uma cosmovisão com muitíssimos aspectos” (KÄSER 2004, p. 216). Isso no que se refere as religiões animistas como as de matriz africana por exemplo.

Se por um lado as religiões animistas não tem missionários ou militantes, (KÄSER 2004, p. 2016), o cristianismo não teria alcançado a dimensão que alcançou ao redor do mundo sem o incessante trabalho desses obreiros de fé. E é essa divulgação mundial do cristianismo que fez com que essa crença religiosa tenha se deparado e confrontado com as mais distintas e variadas culturas, o que aumentou em muito a dificuldade e complexibilidade desse trabalho missionário. Quanto a proclamação do evangelho, Hiebert (1999, p. 14) afirma que:

É claro que precisamos entender o evangelho em seu ambiente histórico e cultural. Sem isso, não há mensagem. Também precisamos de um claro entendimento de nós mesmos e do povo a quem servimos em contextos históricos e culturais distintos. Sem isso, estamos em perigo de proclamar uma mensagem desprovida de significado e relevância.

Desse modo, entende-se de que o evangelho é capaz de transformar uma cultura, principalmente as culturas violentas e que envolvem derramamento de sangue inocente por exemplo. Mas quando esse mesmo evangelho que prega um amor incondicional é pregado ou imposto por meio da força perde todo o sentido. E foi exatamente isso que aconteceu no Brasil colonial. Uma grande incoerência entre o que era pregado e o que era vivido.

### **3 O SINCRETISMO**

Quando uma determinada religião é usada como força domesticadora de pessoas, disseminando a violência e opressão, dificilmente ela irá convencer alguém de que trata-se de algo positivo para suas vidas. Mesmo sendo esse o papel das crenças e religiões. Ligar, ou religar as pessoas a Deus. Sendo assim, os africanos escravizados no Brasil colonial, não adotaram o catolicismo como sua religião oficial e sim desenvolveram maneiras de manter suas crenças, realizar suas práticas religiosas disfarçadas em meio ao catolicismo. O que deu origem ao chamado catolicismo popular brasileiro, fortemente influenciado pelo candomblé. Neste sentido, Bastide (1960, p. 359) afirma que:

Se para o negro africano houve e ainda há justaposição de ideias religiosas, de um lado as oriundas da catequese e de outro, as ideias e crenças fetichistas importadas de África, para o crioulo e o mulato observa-se tendência manifesta e irreversível no sentido de fundir essas crenças, de identificar os dois ensinamentos.

Por conta desse fenômeno, Bastide identifica “problemas” nesse sincretismo religioso. Ao mesmo tempo em que essas crenças ou religiões vão se fundindo umas com as outras, elas também vão se confundindo umas com as outras, e aos poucos vão deixando de lado sua essência e perdendo sua identidade. Ainda acerca da fusão das crenças africanas com o catolicismo Bastide (1960, p. 157) completa que:

A resistência da civilização e da religião africanas não pôde, todavia, impedir a ação do meio católico ambiente e essa civilização ou essa religião não puderam subsistir senão se sincretizando mais ou menos profundamente com o cristianismo.

Como apresentado, “O sincretismo religioso ocorre quando há o contato de dois ou mais sistemas religiosos, podendo acontecer em vários níveis ou graus” (SILVA 2014, p. 165). Pode-se identificar o surgimento de uma prática sincretista entre religiões quando: “A antiga religião é preservada, mas absorve influências de uma nova religião” (SILVA 2014, p. 165). “A nova religião é aceita, mas é interpretada pela ótica da religiosidade antiga” (SILVA 2014, p. 166). “A nova religião é aceita, porém a antiga é preservada sem que haja uma fusão” (SILVA 2014, p. 167). “A antiga religião funde-se com a nova religiosidade, formando um novo sistema religioso” (SILVA 2014, p. 168). Ainda sobre a fusão de crenças distintas Barros (2009, p. 37) acrescenta:

O sincretismo provém da fusão de duas religiões que seguem paralelamente, sem qualquer segmentação. Este amalgamamento de religiões corta a força da cultura, tolhe a inteligência e a liberdade do ser humano, quebrando os elos da tradição, cortando os laços com o passado. Nos dias atuais é impossível alguém aceitar ou mesmo acreditar que São Jorge é Ogum ou que Santa Bárbara é Oiá!

É possível identificar também misturas entre o catolicismo e crenças indígenas como a dos “Carijó” por exemplo, que eram todos os indígenas escravizados em meados do século XVIII. Sobre essa afirmação, Silva (2014, p. 166 -7) afirma que:

Usam a Bíblia, celebram missas no vilarejo e participam das programações católicas no povoado mais próximo. Em grande parte, entretanto, preservam a sua cosmovisão animista, praticando antigos rituais de cura e invocação de espíritos. Na dimensão do divino, buscam proteção em Jacy, entidade herdada dos Carijó e identificada por eles com a lua.

Isso explica os por quês de práticas supersticiosas realizadas por cristãos nas mais variadas denominações. “O sincretismo é fruto do vazio espiritual, do sentimento de que algo está incompleto, ainda por vir” (SILVA 2014, p. 168). E por isso, a necessidade de um amuleto, algo que se possa tocar, um objeto sagrado no qual possa se depositar confiança ou atribuir

feitos milagrosos. O que foge completamente do que a Bíblia afirma ser e expressão da fé (Hb 11:1).

Silva (2014, p. 168-169) aponta também alguns fatores que podem ser responsáveis diretos pelo surgimento desses movimentos sincretistas dentro das religiões, como por exemplo:

a) Imposição; como foi o caso da colonização brasileira, em que a religião é imposta pelos dominadores como parte do processo de subjugação, conquista e dominação política;

b) Intercâmbio religioso; nesse ponto aponta-se que o pluralismo e o relativismo pós-moderno imperam, existe um crescimento de uma forte tendência a subjetividade religiosa, na qual cada um pratica o que acha melhor;

c) Falhas na comunicação; esta está diretamente ligada ao exercício da prática missionária transcultural, sem preparo ou sem planejamento.

Essa “mistura fina” de tão distintas culturas e crenças originárias a partir do movimento de colonização no Brasil no início do século XVI, foi sim a grande responsável pelo sincretismo religioso que mistura o cristianismo com crenças animistas. Com a chegada dos primeiros protestantes ao Brasil vindo da França, América do Norte e demais regiões ao redor do mundo em meados do ano de 1577. Assim inicia-se esse imenso caldeirão cultural e religioso brasileiro. Dentro dessa perspectiva do sincretismo proveniente do processo de colonização, Deiros, (2021, p. 314) completa que:

As crenças resultantes do processo de sincretismo religioso, que ocorreu no continente a partir da colonização das almas indígenas e negras, mostram a coexistência de elementos estranhos entre si, embora sob o nome abarcador de catolicismo romano. É assim que o culto africano de Iemanjá é mesclado ao culto de Maria, bem como a crença nos espíritos se funde com a crença em Satanás e seus demônios.

A partir daí, dentro do processo de evangelização e catequização, surgiu a chamada “religiosidade popular”. Que era quando uma determinada crença ou religião como o catolicismo, por exemplo, se adequava aos costumes do povo para ter melhor aceitação. Sobre essa adequação da religião. Deiros (2021, p. 321) acrescenta que:

Nessas práticas religiosas fundamentais também ocorreram coincidências, que favoreceram a inclusão dos indígenas na comunidade cristã. Para tal, foram utilizadas danças e músicas de origem nativa. O uso de bailes e outras formas dramatizadas de expressão religiosa foram assumidas pela igreja em sua liturgia. Em certas regiões a catequese não era feita de forma apenas recitada, mas cantada e sobretudo dançada.

Ou seja, aos poucos, e com o objetivo de alcançar os povos em questão, a religião vai se moldando aos padrões culturais regionais, e com isso, abrindo brechas para interpretações

distorcidas e equivocadas. “Nesse processo sincretizador, de mistura de crenças e práticas ao longo de mais de cinco séculos, a igreja católica desempenhou um papel muito importante” (DEIROS 2021, p. 314). Desse modo, entende-se que nenhuma religião, crença ou doutrina surge ao acaso. Em sua grande maioria seu surgimento está diretamente atrelado a outras crenças e/ou doutrinas.

E mesmo diante de tantas adversidades que os africanos foram submetidos ao longo dos anos no Brasil, suas crenças se mantinham vivas em meio a um cenário de dor e sofrimento no qual estavam inseridos. A respeito dessas crenças, Bastide (1960, p. 85) afirma que:

Apesar das condições adversas da escravidão, misturando as etnias, fragmentando as estruturas sociais nativas, impondo aos negros novo ritmo de trabalho e novas condições de vida, as religiões transportadas do outro lado do Atlântico não estão mortas.

Esse forte movimento religioso africano ganhou força ao longo dos anos e deu início as chamadas religiões afro-brasileiras, que são adaptações vindas do Candomblé. E por conta da gigantesca influência que essa cultura exerceu sobre o cristianismo, pode-se dizer que o catolicismo foi dividido em dois, de um lado o catolicismo português, e do outro o catolicismo brasileiro fortemente influenciado pela cultura animista africana (BASTIDE 1971, p. 47).

#### **4 PRESERVANDO A IDENTIDADE E ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO**

Talvez, não exista uma solução definitiva para lidar com as consequências que a fusão de duas ou mais crenças religiosas ou até mesmo culturais provoquem umas sobre as outras. O que é certo é que esse sincretismo afeta todos os envolvidos. Se por um lado a cultura africana teve forte influência sobre o cristianismo no Brasil, a igreja católica também afetou em partes as religiões de matriz africana conforme Barros (2009, p. 37):

O sincretismo distorceu o candomblé, reduzindo a dimensão e a grandiosidade das nossas divindades. Ao mesmo tempo, pretendeu transformar as religiões de matriz africana em politeístas, ou seja, adoradores de vários deuses. Tentaram transformar nossas divindades em "deuses", ignorando Olorum/Olodumaré, "Senhor Supremo e Absoluto de todas as coisas", nosso Deus e a divindade criadora para os iorubás!

É preciso entender que no processo da proclamação do evangelho de Jesus Cristo, deve haver um cuidado especial quando essa ação missionária envolve culturas distintas, por isso, um bom preparo e um profundo conhecimento bíblico são fundamentais (HIEBERT 1999, p. 14). O cristianismo prega a unidade apesar das diversidades. Trata-se de algo que vai muito mais além do que uma simples crença religiosa. O cristianismo é universal, e para que ele não

tenha a sua essência prejudicada ou afetada por outras crenças e culturas, é importante, antes de buscar mudar os pontos divergentes, valorizar os pontos em comum. “Reconhecer a humanidade que temos em comum com os outros é o primeiro passo no desenvolvimento de um relacionamento de amor e verdade que resolve as profundas diferenças que nos separam dos outros” (HIEBERT 1999, p. 22-3).

A proclamação e propagação do cristianismo não pode ser desenvolvida através de imposição, força ou violência. Queimar pessoas em fogueiras por conta de seus “supostos” pecados vai totalmente na contramão da maneira misericordiosa com a qual Jesus perdoava os pecadores. Neste sentido, Hiebert (1999, p. 23) acrescenta:

O cristianismo acrescenta outros aspectos universais humanos aos já mencionados. Todos pecaram e necessitam da glória de Deus, e a salvação é possível a todos por intermédio da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Não há outra maneira para o rico ou o pobre, o americano ou o chinês. Consequentemente, estamos preocupados com que todos possam ouvir e ter uma oportunidade de aceitar o evangelho.

O papel da igreja cristã é imitar os passos de Cristo, buscar a cada dia ser cada vez mais semelhante ao seu Mestre, e talvez essa seja a solução para não permitir que cristianismo perca sua identidade por conta de influências externas. O evangelho de Jesus precisa ser atraente e não intimidador, precisa ser honesto e verdadeiro e não mentiroso e estelionatário, precisa ser amoroso e pregar o perdão de pecados e não propagar o ódio e a condenação impiedosa. Sobre a igreja de Cristo e seu papel diante das diversidades sociais e culturais, e também sobre a Bíblia e seus ensinamentos, Keller (2010, p. 33), ao refletir sobre a Parábola dos Dois Filhos Perdidos, faz um alerta:

Com frequência, os ensinamentos de Jesus atraíam as pessoas não religiosas enquanto ofendiam as pessoas que criam na Bíblia, os religiosos da época. No entanto, no geral, nossas igrejas de hoje não causam o mesmo efeito. Os tipos de excluídos que Jesus atraía não são atraídos pelas igrejas contemporâneas, mesmo as mais progressistas. Tendemos a atrair pessoas conservadoras, convencionais e moralistas. Os liberais e libertinos, ou os marginais e humilhados, evitam as igrejas. Tal fenômeno só pode ter um significado: se a pregação de nossos ministros e o serviço de nossos paroquianos não têm o mesmo efeito sobre as pessoas que Jesus tinha, então provavelmente não estamos proclamando a mesma mensagem de Jesus. Se nossas igrejas não causam apelo algum aos irmãos mais novos, provavelmente devem estar mais repletas de irmãos mais velhos do que gostaríamos.

O cristianismo precisa voltar para a Bíblia, seu principal objetivo deve ser agradar em primeiro lugar a Deus e não apenas a um determinado grupo de pessoas. Ao mesmo tempo, não se pode condenar o trabalho da igreja que ao longo dos anos e em meio a tantas dificuldades tenha se adaptado a outras culturas e permitido que de certo modo que sua crença e práticas

litúrgicas fossem modificadas por conta de influências provenientes de outras religiões. É importante destacar que não se trata da igreja A, B ou C, e sim da igreja de Jesus Cristo. Quanto ao desafio do cristianismo diante de culturas distintas, Dennett (2004, p. 61) acrescenta que:

Contextualização significa tornar o Evangelho relevante dentro de uma cultura, dentro do contexto em que as pessoas vivem, para que possam compreendê-lo. A mensagem do Evangelho não deve ser alterada, mas o método de evangelização pode ser adaptado.

Na busca por resgatar a identidade do cristianismo que está se perdendo por conta do sincretismo, alguns princípios hermenêuticos poderiam ajudar nesse processo.

a. Diferenciar os gêneros literários da Bíblia. A Bíblia contém diversos gêneros literários: narrativa, poesia, parábola, profecia etc. Cada gênero tem suas próprias regras de interpretação. Mas quando a Bíblia é lida como uma coleção de provérbios, em que cada versículo é tomado isolado fora do seu contexto e gênero literário é praticamente impossível fugir de uma cosmovisão mágica (veja HIEBERT 2016).

b. A teologia bíblica pode ser uma saída para que o cristianismo não perca sua essência em meio a um mundo onde a cada dia surgem novas religiões. Assim poderíamos fugir da cosmovisão animista que quer usar frases e decretações mágicas para controlar o mundo e o próprio destino. Assim, entenderíamos que nos submetemos à soberania de Deus e não tentamos manipular as forças divinas em nosso favor. É preciso lembrar que não se trata de uma mudança a curto prazo, mas algo que leva tempo e precisa ser iniciado e promovido na igreja. “Encontramos nessas religiões lampejos de verdade, provenientes da revelação geral de Deus na natureza, os quais podem servir de ponte para conduzir as pessoas ao Deus verdadeiro” (ROCHA 2004, p. 50). Esse é um dos pontos comuns entre as religiões citadas neste artigo, uma busca humana em encontrar a verdade e em se relacionar com o Divino

c. Fazer hermenêutica em comunidade. Isso precisa ser feito local e globalmente. Todas as culturas têm seus pontos cegos. Precisamos uns dos outros para dar luz sobre nossos pontos cegos e nos ajudar a entender o plano de Deus de modo mais amplo; “As diferenças culturais afetam não só os mensageiros, mas também a mensagem. Cada sociedade olha o mundo de maneira própria e codifica essa maneira em sua língua e cultura” (HIEBERT 1999, p. 141).

d. Rever continuamente como as pessoas entendem o sentido do texto e suas implicações. As decisões que tomamos sobre as implicações dos textos bíblicos são parciais e temporárias. Com as mudanças da cultura elas precisam ser reavaliadas para ver se estão se aproximando ou se afastando do que o que a Bíblia ensina. “As diferenças culturais podem afetar uma mensagem de diversas maneiras. Primeira, a menos que os mensageiros utilizem

formas de comunicação que as pessoas entendam, elas não receberão a mensagem” (HIEBERT 1999, p. 141).

e. E principalmente, em todo o processo, depender de Deus para que o cristianismo se mantenha fiel aos propósitos dele. “Finalmente, ao comunicar o evangelho, nunca se deve desprezar o fato de que Deus está trabalhando por meio de seu Espírito Santo no coração dos que ouvem, preparando-os para as boas novas. Sem isso, a conversão verdadeira é impossível” (HIEBERT 1999, p. 170).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fica evidente os efeitos que o traumático e complexo processo de colonização imprimiu sobre a formação do cristianismo no Brasil. Impossível uma tão grande mistura de culturas de tão distintos povos não se fundirem e se confundirem ao longo dos anos diante do modo em que foram forçados a conviverem uns com os outros. E é em meio a esse caos cultural que o cristianismo inicia a sua história e sua trajetória no Brasil.

A maneira forçada com a qual o cristianismo foi introduzido e apresentado aos envolvidos, tanto indígenas quanto africanos, sem dúvida não foi a mais adequada. E a imposição do cristianismo como sendo a única verdade absoluta e incontestável não foi nada convincente, muito pelo contrário, contribuiu para que o cristianismo aos poucos fosse perdendo a sua identidade.

Sobre os diretamente envolvidos nessa trama religiosa estavam os africanos, que trouxeram de seu continente não apenas saudade daqueles que ficaram, mas também trouxeram a sua religiosidade, que aliás é caracterizada por suas músicas, danças, cores e lindas vestimentas. E também os indígenas, com suas crenças e ritos. Ambos os povos foram confrontados pelos europeus mediterrâneos que agora se intitulavam donos da terra e enviados de Deus.

Por conta de tamanha diversidade cultural, foi inevitável que crenças, costumes e culturas fossem se misturando umas as outras ao longo dos anos e provocando o surgimento de movimentos sincretistas em meio as crenças e religiões. Diante do que foi apresentado neste artigo, ficam evidentes as influências culturais que o Cristianismo recebeu e absorveu ao longo dos anos no Brasil. Influências que em determinadas instituições Cristãs acabaram descaracterizando essas entidades religiosas.

A finalidade do Cristianismo é transformar o mundo, e não ser transformado por ele. Culturalmente falando, tanto as ações da pessoa de Jesus Cristo, quanto as palavras descritas na

Bíblia, buscam alinhar as mais diversas culturas espalhadas pelo mundo com a cultura divina. Cultura essa que prega um amor incondicional e sem medidas, capaz de solucionar todos os dilemas humanos.

Por conta dessa perda de identidade que o cristianismo vem sofrendo, fica claro a real necessidade de uma correta e fiel interpretação acerca das Escrituras Sagradas, e, principalmente, uma vida conivente com o que se prega. Importante lembrar que ao longo da história a imagem do cristianismo foi manchada, e ainda é, por conta de interpretações errôneas da Bíblia. Interpretações que adaptam as escrituras aos interesses pessoais de determinados grupos, ao invés de adaptar esses grupos ao que está escrito na Bíblia. Ou seja, não é o evangelho que muda para alcançar determinada cultura e sim a maneira como o evangelho é apresentado.

Em alguns casos, esse “cristianismo genérico”, caracterizado por aceitar livremente as influências de outras religiões e culturas, é um dos grandes responsáveis por lotar as igrejas, mas é ele também é o responsável por esvaziá-las. Considerando que na maioria das vezes o objetivo dos cultos realizados nessas igrejas, está concentrado somente em agradar o público, transformando a liturgia num espetáculo. Que nem de longe lembra da maneira simples, direta e objetiva que Jesus Cristo proclamava as boas novas.

Quando a Bíblia diz: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15), não está dizendo para “adaptar” o evangelho a toda criatura. Portanto, é fundamental, que os cristãos estejam dispostos a realizar uma exegese mais fiel e menos alegórica das escrituras sagradas. E o sincretismo religioso provoca no cristianismo exatamente o contrário disso, distorcendo e adaptando o conteúdo das Escrituras Sagradas.

Talvez não exista uma solução definitiva para o sincretismo religioso existente em meio ao cristianismo no Brasil, mas entender os efeitos colaterais desse caldeirão cultural responsável pela formação da cultura religiosa do povo brasileiro, buscar através de um amor incondicional uma maneira de se redimir pelos erros do passado, e viver os ensinamentos de Jesus Cristo na prática, podem contribuir no resgate da identidade fiel do cristianismo.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Alastair. **France 1500-1715**. Londres: Heinemann, 2003.

AURINO, José. **O Espaço e território Sagrados do Candomblé e da Umbanda em Contagem, Minas Gerais**. Ciências da religião história e sociedade. 2013.

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- BARROS, Marcelo. **O Candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BARSA, Grande Enciclopédia. 3ª ed. **Catolicismo**. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda., 2005.
- BÍBLIA online multilíngue. Almeida Corrigida Fiel. Disponível em: <<http://www.biblionline.com.br/acf/index>>. Acesso em: 22/04/2023.
- CORBIN, Alain; *et al.* **História do Cristianismo**: para compreender melhor nosso tempo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro. **Índios no Brasil**. São Paulo: Claro enigma, 2009.
- DEIROS, A. Pablo. **O mundo religioso Latino-Americano**. São Paulo: Vida, 2021.
- DENNETT, Jo Anne. **Florescendo em outra cultura**. Londrina: Descoberta editora Ltda, 2004.
- DREHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.
- FERREIRA, Júlio A. **Religião no Brasil**. Campinas: Luz Para o Caminho, 1992.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Recife-Pernambuco-Brasil: Global, 2003.
- HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: Uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo; Vida Nova, 2016.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 – 1800**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1974.
- KÄSER, Lothar. **Diferentes culturas**. Londrina: Descoberta, 2004.
- KELLER, Timothy. **O Deus Pródigo**. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2010.
- LATOURETTE, Kenneth Scott. **Uma História do Cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2006.
- LIDÓRIO, Ronaldo. **Indígenas do Brasil**. Viçosa: Ultimato, 2005.
- NEVES, Daniel. Histórias do Mundo. **Escravidão no Brasil Colonial**, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/escravidao-no-brasil-colonial>>. Acesso em: 27/05/2023.
- NOVAIS, Fernando A; SOUZA, Laura de Mello. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2005.

OLIVEIRA, Marcos Davi. **A Religião Mais Negra do Brasil**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

PADRE PAULO RICARDO. **Podemos dizer que a Igreja é uma “casta prostituta”?** 2013. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/episodios/podemos-dizer-que-a-igreja-e-uma-casta-prostituta>>. Acesso em: 27/05/2023.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer; *et al.* **Respostas Evangélicas à Religiosidade Brasileira**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

SANTOS, B. Beni dos; *et al.* **A Religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

SIEPIERSKI, Paulo D; GIL, Benedito M. **Religião no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SIGNIFICADOS. **Cultura Indígena**, 2022. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cultura-indigena>>. Acesso em: 21/05/2023.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

STEFFEN, Ronaldo. **Islamismo in Cultura Religiosa (Orgs)**, Canoas: Ulbra, 2009.

UOL. **'São Bartolomeu'**: Paris relembra 450 anos de um dos massacres mais sangrentos de sua história. 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2022/08/24/sao-bartolomeu-paris-relembra-450-anos-de-um-dos-massacres-mais-sangrentos-de-sua-historia.htm>>. Acesso em: 27/05/2023.

WALKER, John Frederick. **A Certain Curve of Horn: The Hundred-Year Quest for the Giant Sable Antelope of Angola**. Grove Press, 2004.